

Catação fotográfica: revelando processos educativos

Picking Photographs: revealing educational processes

Conrado Marques da Silva de Checchi
Luiz Gonçalves Junior
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar
São Carlos–São Paulo-Brasil

Resumo

Este artigo teve como objetivo central identificar, descrever e compreender os processos educativos que emergem da prática social da catação de recicláveis porta a porta de residências desde a experiência e perspectiva de onze Catadoras da Cooperativa Acácia de Coleta Seletiva, empreendimento de natureza solidária, situado na cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo. Enquanto método nos valem da fenomenologia, modalidade fenômeno situado, tendo como procedimentos de coleta o que denominamos de “catação fotográfica”, a saber fotos tiradas com câmeras digitais pelas Mulheres Catadoras a partir da questão-guia: “O que é isto, coleta seletiva solidária para você?” e posterior entrevistas individuais pautadas em três fotografias autorais escolhidas por elas. Nos resultados construímos três categorias que levam como título significados encontrados nas falas das cooperadas.

Palavras-chave: Processos Educativos; Fotografia; Catadoras.

Abstract

The main objective of this article was to identify, describe and understand the educational processes that emerge from the social practice of recyclable waste pickers door to door of homes from an experience and perspective of eleven women from the Acácia Cooperative of Recyclable Waste Pickers, a solidary nature venture, located in the city of Araraquara, interior of the state of São Paulo. As a method in the values of phenomenology, in the modality of the situated phenomenon, we had as collection procedures what we call as “Picking Photographs”, which are the photos taken with digital cameras by cooperated women participants from the guiding question: “What is this, solidary recyclable waste picking?” and subsequent individual interviews based on three photographs of the authors chosen by them. In the results, we constructed three categories that assume the meanings found in the members statements.

Keywords: Educational Processes; Photography; Women Waste Pickers.

Introdução

Em Araraquara, município do estado de São Paulo com cerca de 230 mil habitantes (IBGE, 2020), a Cooperativa Acácia de Coleta Seletiva, empreendimento de natureza solidária¹, após a aprovação no ano de 2016 da Lei Municipal 06496 que autorizou o convênio com a Prefeitura de Araraquara, tem firmado parceria para a coleta seletiva de materiais recicláveis, a triagem do material coletado (separação dos resíduos por categorias previamente definidas), o beneficiamento de tudo que foi coletado (que agrega valor aos produtos no processo comercial) e a sua venda (ACÁCIA COLETA, 2020). A organização da cooperativa é baseada na autogestão e em parte de seu estatuto está descrito que fundamenta-se “[...] na liberdade de associação, na solidariedade de ganhos e perdas, na gestão democrática e representativa, na defesa dos interesses econômicos e do bem-estar dos cooperados” (ACÁCIA COLETA, 2020).

O programa de coleta seletiva solidária municipal se constituiu a partir da entrega voluntária dos recicláveis pela população, na triagem dos materiais e no tratamento destes pela cooperativa. Conforme os dados levantados pela Acácia, em 2006, foram coletadas 206 toneladas de materiais recicláveis. Já em 2017 a média mensal máxima atingida foi de 450 toneladas, resultando num montante médio estimado de 50.000 toneladas no ano, em 2019 este montante chegou a 500 toneladas por dia. O grupo é formado por um total de 196 cooperadas/os, sendo cerca de 85% mulheres, se destacando no cenário de cooperativas de cidades interioranas pelo número de participantes e atividade profissional (MNCR, 2019).

Para organização da coleta seletiva no município, a cidade de Araraquara foi dividida em seis regiões que são cobertas pelas Catadoras² através da dinâmica porta a porta de residências, para tanto, cada uma das áreas são cobertas pelas trabalhadoras organizadas em seis grupos (denominados com as letras alfabéticas de A à F) compostos de onze a quatorze cooperadas. Neste estudo pudemos estar com o grupo A, formado por 11 Catadoras.

O convite ao descarte seletivo dos resíduos que Catadoras realizam diariamente nas ruas é já uma proposta de atitude que corresponde com o início de mudanças essenciais a um viver cada vez mais pautado em noções comunitárias e colaborativas

que precisam ser aprofundadas (CHECCHI, 2018). Princípios que envolvem também a noção de que na redução do consumo, da geração dos resíduos e das desigualdades, pode-se incentivar ou reduzir amplitudes de injustiça ao serem barradas muitas das estratégias do mercado hegemônico e até mesmo transformadas por outras expectativas de um viver cada vez mais solidário, expressando cuidado sobre toda a Vida zelando pelos direitos da Natureza³ (ACOSTA 2016).

A este respeito urge a necessidade de se reconhecer estas Mulheres Catadoras nos aspectos econômico, político, simbólico e subjetivo. Ressaltamos assim, que uma melhor compreensão e estudo deste cenário deve fortalecer suas capacidades e voz na sociedade, provendo recursos que valorizem os aspectos profissionais e políticos de suas ações, bem como a economia das relações de cooperação e solidariedade internas ao grupo. Neste sentido o presente artigo, oriundo da dissertação de um dos autores, tem como objetivo central identificar, descrever e compreender os processos educativos que emergem da prática social da catação de recicláveis.

A seguir apresentamos a trajetória metodológica deste estudo.

Trajetória metodológica

Partimos da premissa de que as pessoas estabelecem relações entre elas e com outrem, sendo capazes de construir, preservar, compartilhar e refletir sobre seus conhecimentos e experiências decorrentes das mais diversas práticas sociais (OLIVEIRA et al., 2014a). Em acordo com Gonçalves Junior, Carmo e Corrêa (2015), compreendemos que processos educativos:

[...] ocorrem em uma relação mútua de aprendizagem e não só em uma situação em que um ensina ao outro, tendo como pressuposto fundamental para seu desenvolvimento o diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para a cooperação, superação, o ser mais, demandando autonomia, possibilidade de decisão e de transformação. Tais condições permitem aos envolvidos compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade em que vivem, tendo a possibilidade de refletir criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se (p. 176-177).

Entendemos que ao pesquisar práticas sociais junto a grupos, como o de Catadoras de materiais recicláveis neste estudo, a convivência é uma dinâmica imprescindível relacionada ao diálogo e implica uma escolha em que participantes e

pesquisadores/as vão dando conjuntamente formas àquilo que se pesquisa (OLIVEIRA et al., 2014a).

Prosseguem Oliveira et al. (2014a) que:

Há que ter cuidado com as observações/diálogos/entrevistas, pois não se tratam as pessoas, grupos, comunidades como simples objetos de pesquisa, mas como um encontro de consciências, fazendo-se necessário atentar para a coexistência do eu-e-do-outro-ao-mundo em um exercício de intersubjetividade, ganhando sentido o próprio social. Lembrando que mesmo um indivíduo não existe como entidade isolada, pois carrega em si o social; da mesma forma o social traz em seu bojo as histórias individuais, assim, os seres humanos coexistem dando sentido à própria sociedade (p. 43).

Por tais asserções optamos pela fenomenologia enquanto método de pesquisa neste estudo, observando que tal abordagem prima pelo *des-velar* de um fenômeno, os significados dados a ele por aqueles/as que o vivenciam, nesta pesquisa onze Catadoras de materiais recicláveis da Cooperativa Acácia, e podem, portanto, descrevê-lo em contexto histórico-político-social, ou seja, situado-ao-mundo (MARTINS; BICUDO, 1989; GONÇALVES JUNIOR, 2008).

Segundo Machado (1994) o principal enfoque deste método remete à busca da compreensão do fenômeno e não sua explicação, ou seja, diverge de uma busca por generalidades e princípios para leis diversas, “Compreender diz respeito a uma forma de cognição que diverge de explicação [...], é ver o modo peculiar específico, do objeto existir” (MACHADO, 1994, p.35).

Com tal fundamentação, inicialmente, realizamos processo de cuidadosa inserção junto as Catadoras de materiais recicláveis, com autorização delas em Termos de Consentimentos Livres e Esclarecidos, da Cooperativa Acácia de Coleta Seletiva (situada na cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo), bem como da autorização prévia do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (Parecer nº 2.020.899).

Durante a inserção tivemos como referência a convivência metodológica conforme descrita por Oliveira et al. (2014b). Deste modo, ao longo do primeiro semestre de 2018, catamos materiais recicláveis junto com o grupo de Catadoras três dias por semana, vivenciando momentos de silêncio, de diálogo, de atenta abertura a outrem, ao tempo-espaço destas Mulheres Catadoras de recicláveis.

Neste período, propusemos, dialogamos e entregamos câmeras fotográficas digitais para coleta de dados a cada uma das onze Catadoras, para que levassem as máquinas onde quisessem durante o período de um mês, tendo como foco para as fotos a seguinte pergunta orientadora para o que denominamos conjuntamente com elas de “catação fotográfica”: O que é isto, coleta seletiva solidária para você?

Em um segundo momento, cada uma das Catadoras escolheu três fotografias autorais e, em seguida, realizamos entrevistas individuais sobre os retratos a partir das perguntas: Qual a sua história e como chegou até a coleta seletiva solidária? O que significa cada uma das três fotografias escolhidas?

Compreendemos que práticas sociais emergem de contextos situados em espaços-tempos compartilhados, construídos em intersubjetividade e, desta premissa, concebemos, em concordância com Dubois (2012), a fotografia como recurso para esta pesquisa, pois tal registro é uma oportunidade de acesso às experiências que se manifesta no ato fotográfico. A fotografia, como suporte para o diálogo, proporcionou a reflexão sobre o vivido pelas Catadoras de materiais recicláveis no momento da captura da imagem e suscitou-possibilitou diálogos de acesso a processos educativos que emergiram da prática social da catação de recicláveis, suas experiências de mundo-vida em perspectiva pessoal (subjética) e compartilhada (intersubjetiva), e os “[...] traços da visão do dentro, à visão o que a forra exteriormente, a textura imaginária do real” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 22).

Para análise dos dados coletados foram utilizados os procedimentos próprios à modalidade metodológica de pesquisa do fenômeno situado. Assim, a partir da leitura e releitura das *entrevistas* transcritas e numeradas em números romanos conforme a ordem de data de ocorrência (de I a XI), realizamos sínteses, também conhecidas como *redução fenomenológica*, em que foram identificadas as essências daquilo que foi pronunciado pelas participantes tendo como premissa o objetivo deste estudo, dando para cada trecho de fala selecionado uma numeração, ou seja, identificação de *unidades de significado* com números arábicos de modo sequencial ao surgimento (1, 2, 3...) nas entrevistas de cada uma das colaboradoras do estudo. Depois, realizamos busca por convergências, divergências ou idiosincrasias (compreensões individuais

sobre o fenômeno) nas *unidades de significado* que, ao serem agrupadas, formaram *categorias* (MARTINS; BICUDO, 1989; GONÇALVES JUNIOR, 2008).

No tópico a seguir apresentamos as três categorias construídas em colaboração com as onze Mulheres Catadoras da Cooperativa Acácia de Coleta Seletiva. Registramos que os títulos de cada uma das categorias originaram-se de trechos de falas realizadas pelas participantes do estudo. Observamos que visando preservar preceitos éticos em pesquisa os nomes das colaboradoras são fictícios, tendo sido por elas escolhidos, ressaltamos também que em cada foto analisada, a numeração e informação de autoria será informada acima da imagem. Explicitamos que os trechos citados das entrevistas no decorrer da construção dos resultados foram numerados identificando cada entrevistada a partir de número romano e unidade de significado correspondente com número arábico, conforme exemplo: “XI-4”, significando tratar-se da entrevistada onze, unidade de significado quatro.

Construção dos Resultados

Categoria A: Meu dia a dia é este, sempre sorrindo, sempre brincando, dentro da gente... só Deus que sabe

Esta categoria emerge dos discursos das catadoras acerca dos processos vividos que as levaram à coleta seletiva solidária, suas relações familiares e histórias pessoais que através das convergências encontradas, percebemos processos de enfrentamentos das adversidades visando a superação de *situações-limites*⁴, sem, contudo, perderem a alegria de viver e a fé em dias melhores, inclusive por encontrarem na coleta seletiva solidária uma alternativa para geração de renda.

Na passagem a seguir, uma das catadoras que há mais de dez anos trabalha na coleta seletiva, fez asserções sobre o desejo de retomar os estudos, pois através da catção tem conseguido prover materialmente o cuidado de seus quatro filhos:

Eu tenho que pensa a começa a vivê pra mim também, né? Não ser só mãe 24 por 48, que nem falam aí, né? O que eu queria fazê mesmo era curso técnico de enfermagem. Vamo vê se eu consigo ano que vem entra pra fazê. Nem que for por particular, reorganizar as contas, aí quem sabe eu consigo pagar meu curso com o meu trabalho, né? Com o meu trabalho (XI-7).

Apesar de toda discriminação gerada e enraizada no próprio desenvolvimento do sistema capitalista, as alternativas geradas por estes grupos à margem da inserção

plena neste modelo econômico, acabam por expressar alternativas através dos processos de constituição de vínculos, os afetos que geram e expressam um cotidiano. A catação dos recicláveis através da cooperativa torna oportuna a consolidação e estreitamento dos laços familiares, como ao que a catadora Aurora relata na passagem seguinte, que a provisão do sustento do lar cria possibilidades de valoração subjetivas entre ela e seus filhos, mesmo que envolvam a compra de presentes: “Cansativo é, mas no fundo no fundo, é gratificante, no final do mês você tem seu dinheirinho no bolso, cê gasta no que você quisé, cê compra as coisa pro seus filho, é isso” (III-4).

Sobre uma de suas fotografias escolhidas (ver Foto 1), a participante disse da satisfação que possui em cuidar dos filhos e tê-los juntos de si, dizendo que quer ser lembrada pelo cuidado ao imaginar a formatura escolar do filho no futuro:

Foto 1 - Aurora



Fonte: Aurora catadora, março de 2017.

(...) por isso eu tô aqui, e quero ser lição de vida, futuramente, quero se ingual minha mãe tá sendo, foi pra mim, eu quero que meus filhos, meus filhos achem a mesma coisa de mim, que minha mãe tá trabalhando no sol quente, ela tá ali, tá trabalhando, tá dano do bom e do melhor pra gente, se esforça, pagando minha formatura de boa, num pedindo nada pá ninguém emprestado, num roubando, num matando (III-9).

Por meio da fotografia abaixo (Foto 2), a participante Nádila disse de seu amor aos seus filhos, relatando que cada um deles dá sentido ao seu viver: “Esta foto é o sentido da minha vida, né? É a razão do meu viver, meus filhos, é tudo que eu tenho de

Catção Fotográfica: revelando processos educativos

mais importante na vida, por eles eu sou capaz de fazer qualquer coisa, entendeu?” (I-5).

Foto 2 - Nádila



Fonte: Nádila catadora, março de 2017

O sustento dos filhos para muitas das participantes da catação solidária é aspecto motivador à entrada na coleta de recicláveis. Os filhos geram força para prosseguir o dia a dia e enfrentar as adversidades com estratégias diversas, como na descrição a seguir de Laila, sobre sua fotografia (ver Foto 3) abaixo: “Porque vendo aí, dá mais força ainda, dá mais vontade de trabaiá, né?” (VII-32).

Foto 3:Laila



Fonte: Laila catadora, abril de 2017.

É o que podemos observar através do depoimento de Laila ao significar a fotografia a seguir (FOTO 4), dizendo que durante muito tempo cuidou sozinha de seus quatro filhos, servindo de exemplo ao grupo quando se deparam com atitudes desvalorativas de maridos frente a alguma das participantes:

Foto 4: Laila



Fonte: Laila catadora, abril de 2017.

É tem que faze direito, que é nosso pão de cada dia, né Conrado? Quem tem fio pra cria é foda, né? Ainda mais a Bela, pronto, né? Que nem, tem mulhé assim, que fala assim, que sofre à toa, que nem a Laura (catadora) dizia assim “Ai eu não largô do meu marido porque eu não tenho como me virá sozinha” aí a Raissa disse pra ela da minha história e falô: “Lógico que cê tem! A Laila, a Laila largô de um nego, as fia dela era pequena”. Pois é! Oxi! Jamais que eu vô fica sofreno e sendo que eu nunca dependi de home nenhum pra sobrevive, falei. Toda a vida eu trabaiei fih, pelos meus fio eu dô a cara pra bate mesmo, eu trabaio memo, tô nem veno, trabáio num mata ninguém, né Conrado? Num mata ninguém... Só trabalhá, pensa nos filhos, tô fazendo isso pelos meus filhos e pronto, né? Trabaio mesmo, não tenho dó não... Eu pagava meu aluguel todo mês certinho, sozinha, eu e Deus (VII-35).

A questão da violência no interior familiar não é algo desconhecido entre as catadoras, já que decorrente às condições financeiras atreladas entre elas e os maridos, acabam levando-as a manterem vínculos pautados em relações desgastantes e até mesmo destrutivas. A violência existente nas intimidades amorosas, revelam que as mulheres têm uma inserção diferente das dos homens na estrutura familiar e societal, e o quanto o patriarcado e a violência simbólica contra a mulher são reflexos de uma mesma diferenciação elaborada para a manutenção das estruturas de poder. O

patriarcado neste sentido, se assenta na compreensão da mulher a partir de diferentes sentidos, entre eles: “ser esposa, mãe, filha, cuidadora, entre os compromissos de ser fiel, companheira, amiga, boa mãe, dentre outros” (BANDEIRA, 2014, p. 458), enquanto que seu registro na realidade, se dá de modo muito mais incisivo, o que através dos depoimentos das catadoras podemos inferir que mesmo quando não há o ato de violência corpórea, a mulher é passível de ser violentada, uma vez que a ação em si é sustentada simbolicamente.

Assumindo suas histórias, catadoras tomam sobre si o desenvolvimento pessoal e ininterrupto, contínuo, analisando suas práticas e experiências a partir do contexto em que vivem, não ignorando suas origens, adversidades e enfrentamentos, mas os compreendendo em ressignificação. Pois como Weil (1996) destaca ao discorrer sobre o enraizamento diz “[...] de todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado” (p. 418). Ao rememorarem e construírem narrativas, mais comprometidas estarão catadoras com seu movimento de historicização e mais possibilidades terão de desvelar suas conquistas, pautadas historicamente em liberdade. Nisto a memória convida o olhar para o valor distintivo de ser das coisas, arraigados nos materiais existenciais de uma cultura em seus aspectos que elaboram as formas sociais do viver, a este respeito Fiori (1991, p. 91) nos diz que o comportamento humano “é sempre direção para valores que não se reduzem ao fático, nem brotam do arbitrário. São históricos: implicadamente dados e conquistados”.

Os processos educativos encontrados nesta categoria se relacionam aos processos vividos pelas catadoras que as levaram à coleta seletiva, suas relações familiares, bem como suas histórias por serem mulheres enfrentando o desemprego e muitas vezes, de modo independente, estarem suprindo as necessidades e sustento de seus filhas/os. Ao rememorarem, apresentam em suas falas noções de atenção e cuidado com outrem, ressignificando os contextos que vivem através da geração de renda por meio da coleta seletiva solidária, demonstrando assim, estratégias de superação de situações-limites.

Categoria B: A coleta seletiva solidária ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa

As interpretações que geram a categoria “Ela ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa”, surge de uma fala de Nádila ao ser questionada sobre a coleta seletiva solidária e abarcam os significados dados pelas catadoras à catação porta a porta, bem como, as potencialidades que despontam no relacionamento das cooperadas com as comunidades onde atuam:

Pra mim, a coleta significa muita coisa, que é da onde eu tiro meu ganha pão né? e a gente ajuda a deixar a cidade mais organizada, mais limpa, ajuda nas enchente, ajuda a natureza, o meio ambiente, né? Ela ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa, entendeu? (I-4).

A partir do compromisso firmado de catar porta a porta os recicláveis, catadoras cultivam parcerias para melhoria de suas vidas e da sociedade onde atuam, traçando sentidos amplos sobre a atividade realizada, “Ah coleta! Significa tudo, né? O nosso sustento, né? Que, ah, ajuda muito, ô, se num tivesse esse serviço, né? A limpeza na cidade, né?” (IX-5). Ao falarem sobre a coleta seletiva solidária durante as entrevistas, foi muito comum as participantes trazerem o próprio sentido da prática que realizam, atrelando a ela dois aspectos de significação, um voltado à produção da renda como fruto do trabalho de coleta, e outro resultante deste, que é o cuidado com a cidade, a transformando e limpando.

Nesta fotografia seguinte (Foto 5), há uma mulher segurando um balde do tamanho do tronco de seu corpo, despejando materiais recicláveis em uma *bag*⁵. Esta fotografia foi tirada pela participante Raquel, em sua leitura ela ressalta sobre, a necessidade da separação dos materiais orgânicos dos recicláveis, dizendo que as moradoras do município poderiam ter mais consciência sobre esta ação que pode gerar muitas mudanças, dentre elas a criação de empregos e melhoria na renda de muitas pessoas catadoras, atrelando diretamente a isso, o cuidado e atenção com o meio ambiente vivido na cidade.

Foto 5 - Raquel

Catção Fotográfica: revelando processos educativos



Fonte: Raquel catadora, abril de 2017.

Raquel: Ah, o que eu diria é que se todo mundo tivesse consciência, e fizesse como ela tá fazendo, não tinha tanto material reciclável indo pro lixo, né? Só que a maioria das pessoas aqui de Araraquara num tem consciência. Mistura o orgânico com o reciclado e com isto quem perde na rua são a gente, né Conrado? E vai pro lixão, isso daí demora pra dissolve como todo mundo sabe, né? Então se passasse pra gente, seria mais, como que eu posso diz? A gente teria, um salário melhor, né? E bem pouco reciclado ia pro lixo, né? O que eu tenho a dize dessa foto é isso (VI-20).

Na fotografia a seguir (Foto 6), Raissa apresenta um prédio que organiza adequadamente os recicláveis. Ao falar sobre a fotografia traz o próprio significado para ela do que é a coleta seletiva, discriminado quais são os materiais recicláveis e aqueles que não são:

Foto 6 - Raissa



Fonte: Raissa catadora, maio de 2017.

Ah, essa imagem significa que a gente faz é a coleta, a coleta seletiva, significa que é a coleta dos materiais que são recicláveis, que não é pra população coloca o lixo orgânico, né? Que nem, madeira, colchão, buchinha de pia, população acha que é reciclável mas num é, então elas tem que coloca os materiais que são recicláveis, que são plásticos,

papéis, papelão, metais, plástico em geral. E a gente também passa porta a porta, é uma maneira da gente ensina pra população o que vai e o que num vai, que nem roupa, sapato num vai na coleta seletiva, que é um material bem selecionado, né? Pra mostra que é um material bem selecionado, que o restante dos materiais tem um destino certo, que nem lâmpada, tem um destino certo, que é nos bolsões, é entulho, folhagem, é nos bolsões, colchão, é sofá, tem um lugar pra destina que são os bolsões também, que a gente só leva o seletivo, que é o plástico, o papel, metal, papelão, isopor. [...] É um prédio, é o síndico que passa porta em porta falando, mas é seletivo assim porque são as pessoas que fazem a limpeza que separam, né? O pessoal do prédio que faz a limpeza que separa, separa direitinho pra gente ih lá e coleta (XI-21, 22, 24).

Raissa em sua fala descreve o valor de passar porta a porta das residências e que no contato com a população, ensinam a separar de modo correto os recicláveis. Salientamos sobre esta imagem anterior também, a fala de Paulina quando diz da periodicidade que catam os recicláveis, passando pelo local que doa os papelões toda quarta-feira. Esta é uma característica importante das ações das catadoras, a presença no cotidiano da cidade que leva aos munícipes assumirem compromisso com a cooperativa e cada Catadora que semanalmente chama à porta. Relação de cuidado que pode despontar em outros desvelamentos, como o de respeito ao meio ambiente ao acolher a cada participante da cooperativa como profissional da coleta seletiva.

A participante Jasmim, na fotografia que segue (ver Foto 7), ressalta a importância da coleta seletiva não apenas para os seres vivos hoje, como também para as próximas gerações: “Limpeza, né fio? Limpeza das nossa coleta seletiva, para um mundo melhor, para aqueles que virão” (VIII-15).

Foto 7 - Jasmim



Fonte: maio de 2017.

Dentre os processos educativos elaborados pelas Catadoras na coleta seletiva porta a porta, em relação com a comunidade, abarcam competências que despontam no relacionamento com a comunidade e o compromisso com a sociedade. Nisto percebemos: a) o relacionamento do grupo de catadoras com os/as moradores/as dos bairros que estabelecem parcerias para melhoria de vida de ambos; b) a troca de informação com a comunidade que possibilita maior visibilidade do grupo pelos/as moradores/as dos bairros; c) o relacionamento com moradores/as, que garante a possibilidade de estratégias para melhor atendimento da coleta de materiais recicláveis nos bairros.

Categoria C: Eu já falei, eu gosto muito do que eu faço, e tamo aí na luta

Os processos educativos elaborados nesta categoria são provenientes dos relacionamentos entre catadoras ao se constituírem como comunidade de trabalho e emergem da organização diária da coleta seletiva porta a porta. Através das ações coletivas, catadoras alcançam direitos e se representam para a sociedade, o título que dá nome a esta categoria emerge dos dizeres de Raissa que, ao se referir à coleta solidária, ressaltou: “Eu já falei, eu gosto muito do que eu faço, e tamo aí na luta” (XI-8).

Por esta apreensão foram contemplados processos vividos pelas catadoras ao promovem a competência de se educarem para a vida em comum união, como grupo de catadoras que ao se desenvolverem como comunidade, trocam saberes e compartilham experiências adquiridas na prática da coleta seletiva solidária. Catadoras que, ao realizarem suas ações, elaboram qualidade de vida para si e ao grupo com que convivem, projetando no dia a dia a condição de superar o estágio de “circuito dos objetos de posse para o círculo dos dons de troca e partilha” (BRANDÃO, 2005, p.35). Nesta prática, ao entenderem a vida a partir das experiências comunitárias construídas em interação umas com as outras, dinamizam o bem-viver⁶ através das atenções geradas no interior do grupo, onde superam processos individuais ou corporativos de conquista para se enxergarem como comunidade de catadoras.

Samantha Guerra, ao dizer sobre a fotografia que tirou (Foto 8), descreve a apreensão de sentidos dados ao encontro entre as Catadoras.



Fonte: Samantha Guerra catadora, abril de 2017.

É eu chega no meu serviço, vê minhas amiga, minhas companheira, tudo sentada esperando o caminhão pra pega o bag, tudo organizada, sabendo que cada uma tem a sua vida pra cumpri... A sua luta pra fazê, pa cumpri com a sua vida. Eu gosto delas, faz parte da nossa coleta, né? Faz parte do nosso grupo, da nossa família (IV-26).

Em sua descrição ela traz o significado de família ao grupo da coleta seletiva, compreendendo-o como parte de sua vida apesar das não serem consanguíneas, dizendo que acabam por formar um coletivo pela colaboração e laços de amizade que estabelecem entre todas. Na próxima fotografia (Foto 9) a colaboradora Nádila apresenta o momento de separação das *bags* trazidas pelo caminhão. Nádila dá ênfase à união do grupo, por ser um período do dia em que todas estão reunidas e que após ele, cada uma das Catadoras toma seu caminho de catação, muitas vezes os realizando sozinhas, embora ocorra alguns encontros ao longo do percurso de catação.

Foto 9 - Nádila



Catção Fotográfica: revelando processos educativos

Fonte: Nádila catadora, março de 2017.

Ah isso daí é o momento que a gente separa os bags, né, pra ih pra rua, eu acho que é o momento que o grupo tá mais reunido, entendeu? Na separação do bag, porque depois cada um vai pro seu destino, é a união do grupo, entendeu? (I-7).

Após a separação das *bags*, em que as sacolas de ráfia ficam todas organizadas ao serem colocadas uma dentro da outra, resultando em uma *bag* cheia por cada Catadora⁷, e a coordenadora do grupo ter distribuído os roteiros a serem realizados no dia entre as cooperadas, as *bags* são dispostas em sequência conforme a necessidade de entrada no baú do veículo automotor. Ao longo de um dia de catação, cada um dos quatro caminhões existentes na cooperativa realiza de quatro a cinco viagens para levar todas as *bags* cheias organizadas pelas Catadoras.

Os laços de amizade entre as participantes é fundamental ao grupo, pois através deles melhor se conhecem e se reconhecem no cotidiano da catação. No retrato a seguir (Foto 10), em que há algumas catadoras caminhando pela rua juntas em um mesmo sentido, arrastando *bags* sob o sol, a participante Cíntia destaca: “Ela significa a amizade, a união do grupo” (II-5).

Foto 10 - Cíntia



Fonte: Cíntia catadora, março de 2017.

Durante a catação, para evitar a realização de esforços em demasia, ou exceder os limites do corpo pelo gasto de energia ininterrupto sob o sol, as paradas para o descanso são momentos necessários para recompor o fôlego da caminhada que varia

de acordo com a média de quatro quilômetros diários carregando recicláveis que chegam a ter pesos que variam de acordo com os materiais catados. Nestes momentos, as participantes se encontram em lugares combinados ou quando uma ou outra caminha em trajetos próximos trocam lanches, muitas vezes trazidos de casa e em outros doados por moradores/as. As Catadoras também, por vezes, realizam rateios coletivos para comprar o lanche do dia.

Na fotografia a seguir (ver Foto 11), Raissa apresenta as companheiras de catação em um destes momentos de descanso, à sombra de uma árvore, deitadas em cima das *bags* na rua, dizendo que a partilha dos alimentos gera vínculos no grupo e união entre as participantes. Na entrevista, a catadora ressalta que a alimentação foi algo que ainda não conseguiram conquistar através do trabalho e da luta, e que tempos atrás a prefeitura entregava uma marmita ao grupo que muito lhes ajudava, mas que atualmente não recebem mais este auxílio.

Foto 11 - Raissa



Fonte: Raissa catadora, maio de 2017.

Catção Fotográfica: revelando processos educativos

Aí é o momento de descanso das meninas, o horário do almoço, igual àquela musiquinha que fala na creche, a hora do almoço é a hora mais feliz, né? He, he... A hora do almoço, a hora que as meninas descansam um pouquinho pra... É sempre uma união, né? Qui nem eu falo, a gente convive mais com o pessoal que a gente trabalha do que com a família mesmo, né? Tem mais tempo com o pessoal que a gente trabalha do que com a família, então se torna uma família, né? O alimento, é a única coisa que a gente não conquistou mais foi a marmitex, né? A prefeitura antigamente entregava o marmitex pra gente, entrou a outra gestão e tirou o marmitex. Então na hora do almoço cada uma traz a marmita da sua casa, ou então, a gente faz uma vaquinha e compra um pão, compra um lanche, e é até na hora do lanche, é solidário, cada um dá um pouquinho. Cada um ajunta um pouquinho (XI-26, 27, 28).

Em cooperativa, as catadoras lutam por melhorias e avanços nas atividades que realizam cultivando a esperança por melhorias, como na própria remuneração “Aí a gente já começou a ganhar um dinheirinho, porque na época que eu entrei aqui eu recebia [...] cento e dez real de pagamento, né? E... Aí depois o pagamento foi pra duzentos e dez, que era o aluguel da minha Nora quando meu filho tava preso” (VI-18). Atualmente cada cooperada recebe a média de um salário mínimo com direito a férias e junto a isto outros benefícios: “Hoje em dia já tem, engravidou, tem a licença maternidade, ficou doente o INSS paga, porque a gente paga pra eles, então, já deu uma caminhada, uma bela caminhada já deu, nós vai chega lá dia um dia, nós chega, né?” (V-13).

Os processos educativos de catadoras relativos à prática da catação porta a porta, são elaborados no interagir do grupo, ao trocarem experiências umas com as outras, ajudam e são ajudadas; se atualizam frente às adversidades criando alternativas para melhor realizarem as tarefas como profissionais da reciclagem. Neste envolvimento sugerem mudanças, refletem e interagem, almejando melhorias no cenário de atuação para reconhecimento dos trabalhos que empreendem.

Considerações finais

Reconhecer o olhar daquelas que declamam diariamente o convite à separação dos recicláveis e se situar com elas, nos possibilita ver em suas atitudes a produção de saberes que geram o próprio desenvolvimento e emancipação profissional por propagarem valores e refletirem sobre estes. Pois enfrentando diferentes dificuldades no contexto do trabalho irrompem em estratégias para superação de inúmeras

adversidades, já que a luta por melhoria nas condições materiais por elas é relacionada à luta por direitos de cidadania.

Ao se saber em grupo e dialogar sobre a vida, são geradas práticas que legitimam a participação nos processos educativos internos ao coletivo. Em convívio durante a prática da coleta solidária porta a porta, catadoras se apresentam à sociedade como sendo participantes de um grupo em movimento, propagando a separação dos recicláveis. Neste processo, o convívio não é apenas uma amenidade decorrente aos encontros, mas carrega marcas que estabelecem o registro de pertencimento particular aos que convivem. Nesta dimensão de compartilhamento são estabelecidas noções de valoração sobre a vida que em seu desenvolvimento, geram o sentido de aprimoramento pessoal e coletivo acerca dos diferentes enfrentamentos diários do grupo. Catadoras representam não só alternativas ao sistema de produzir, usando menos água e energia, aproveitando os materiais já utilizados, mas, invertem a lógica das condições de produção ao reelaborarem o capital pela força de trabalho coletivo, em autogestão por meio da solidariedade.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária/ Elefante, 2016.

ACÁCIA COLETA. **Quem somos**. 2012. Disponível em: <<https://www.acaciacoleta.com.br/quem-somos/quem-somos/>>. Acesso em: 15 maio 2020.

BANDEIRA, Maria L. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 449- 469, 2014.

BRANDÃO, Carlos R. **A canção das sete cores: educando para a paz**. São Paulo: Contexto, 2005.

CHECCHI, Conrado M. S. **Mulheres catadoras fotografando o mundo vida, revelando processos educativos**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2018.

DUBOIS, Philippe. **O Ato fotográfico e outros ensaios**. 14 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

FIORI, Ernani M. **Textos escolhidos**: v. II: educação e política. Porto Alegre: L&PM, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GODOY, Luciana C. Bem-viver-interespécies: reflexões iniciais. **Motricidades**: Rev. SPQMH. v. 3, n. 1, p. 57-68, 2019.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: GONÇALVES JUNIOR, Luiz (Org.). **Interfaces do lazer: educação trabalho e urbanização**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008. p. 54-108.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CARMO, Clayton S.; CORRÊA, Denise A. Cicloturismo, lazer e educação ambiental: processos educativos vivenciados na Serra da Canastra. **Licere**, v. 18, n. 4, p. 173-208, 2015.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Panorama: Araraquara – São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/araraquara/panorama>> Acessado em: 13 de agosto de 2020.

MACHADO, Ozeneide V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria A. V.; ESPOSITO, Vitória H. C. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p. 35-46.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes, 1989.

MEJÍA, Marco R. Pós-fácio - la educación popular: una construcción colectiva desde el sur y desde abajo. In: STRECK, Danilo S; ESTEBAN, Maria T. **Educación popular: lugar de construcción social e coletiva**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 369-398.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE RECICLÁVEIS (MNCR). **Cooperativa Acácia completa 18 anos de resistência em Araraquara, 2019**. Disponível em: <<http://www.mncr.org.br/noticias/blog-sudeste/cooperativa-acacia-completa-18-anos-de-resistencia-em-araraquara>>. Acesso em: 10 maio 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver**. 2. ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.

OLIVEIRA, Maria W. Silva Petronilha, B. G. GONÇALVES JUNIOR, Luiz. MONTRONE, Aínda V. JOLY, Ilza Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014a. p. 29- 46.

OLIVEIRA, Maria W. RIBEIRO JUNIOR, Djalma. SILVA, Douglas V. C. SOUZA, Fabiana R. VASCONCELOS, Valéria O. Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014b. p. 113- 141.

SINGER, Paul. **Introdução a economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

WEIL, Simone (1943). O enraizamento. In: BOSI. Ecléa (Org.). **Simone Weil: A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. 2.ed.ver. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

Notas

¹ Para melhor compreensão do termo, Singer (2002) diz que na empresa solidária “os sócios tem a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões. Este é seu princípio básico. Se a cooperativa precisa de diretores, estes são eleitos por todos os sócios e são responsáveis perante eles. Ninguém manda em ninguém” (p. 9).

² Utilizaremos o artigo definido A para indicar tanto a mulheres catadoras quanto a homens catadores, procuramos desta maneira, de um lado, deslocar o referencial hegemônico masculino, de outro, registrar que na pesquisa por nós realizada contamos com colaboradoras mulheres.

³ Procuramos com Direitos da Natureza ampliar o conceito de cuidados com o meio ambiente, Acosta (2016) esclarece que os direitos da natureza também incluem o ser humano, voltando-se aos ecossistemas e às coletividades, e não aos indivíduos: “A Natureza vale por si mesma, independentemente da utilidade ou dos usos que se lhe atribua. Isto representa uma visão biocêntrica. [...] Estes direitos defendem a manutenção dos sistemas de vida – do conjunto da vida” (p. 131).

⁴ O termo *situação-limite* é um conceito elaborado por Freire (2005) para denominar situações contraditórias, geradoras de desesperança e que fazem muitas vezes com que a existência seja paralisada, mas que podem ser superadas ao serem desvelados intencionalmente novos horizontes.

⁵ As *bags* são utilizadas para coleta dos recicláveis pelas ruas ao passarem porta a porta das casas. Estas grandes sacolas de ráfia são arrastadas pelas catadoras solidárias pelas ruas. Carrinhos apropriados para carregar as bags já foram doados, mas não são práticos e eficientes no dia a dia das ruas segundo as catadoras.

⁶ O Bem-Viver é algo em permanente elaboração, conforme sejam superadas as disparidades e desequilíbrios com o ecossistema, entre os seres humanos e outras formas de vida, outras respostas poderão ser alcançadas resultando em outras satisfações e prazeres cada vez mais harmoniosos com o meio e os seres nele presentes. Esta outra proposta de viver, concebe nas contradições como a miséria concomitante com a devastação da fauna e flora, obstáculos a serem superados em vias de construção de um mundo com menos discriminação e humildade, prezando sobretudo a permanência da vida na terra, tática em que a acumulação de bens e

serviços são prticas a serem cada vez mais a serem deixadas de lado (ACOSTA, 2016; GODOY, 2019; MEJÍA, 2013; MUNDURUKU, 2019).

⁷ A mdia de catção diria realizada por cada catadora de onze *bags* cheias.

Sobre os autores

Conrado Marques da Silva de Checchi

Doutorando em Educao pela Universidade Federal de So Carlos na linha de pesquisa Prticas Sociais e Processos Educativos com tema sobre os processos criativos de grupos populares com auxlio da CAPES. Educador e Integra a Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, tendo sido coordenador executivo do Ncleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formao e Interveno em Economia Solidria (NuM-EcoSol) da Universidade Federal de So Carlos/UFSCar na rea de consultoria em Economia Solidria. E-mail: conradomarq@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0203-148X>

Luiz Goncalves Junior

Professor Titular do Departamento de Educao Fsica e Motricidade Humana da Universidade Federal de So Carlos (DEFMH/UFSCar). Professor e orientador credenciado do Programa de Ps-Graduao em Educao (PPGE) da UFSCar. Coordenador do Ncleo de Estudos de Fenomenologia em Educao Fsica (NEFEF); Atual Diretor Cientfico da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana (SPQMH); Socio-Fundador da Associao Brasileira de Pesquisa e Ps-Graduao em Estudos do Lazer (ANPEL); Coordenador da Ctedra Joel Martins.
E-mail: luizgj7@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1585-0596>

Recebido em: 27/07/2020

Aceito para publicao em: 13/08/2020